

CARNE SUÍNA

LUCIANO FEIJÃO XIMENES

Zootecnista. Doutor em Zootecnia
lucianoximenes@bnb.gov.br

Resumo: a pandemia por covid-19 trouxe um cenário trágico para as nações do mundo, além de choque na renda da população e na economia dos países. Os setores de produtos não essenciais estão abalados economicamente, enquanto que alguns segmentos dos setores agrícola e pecuário têm minimizado os impactos, inclusive sociais. Assim, se enquadra as commodities de alimentos, como a carne suína, na qual a pandemia parece não ser o principal problema do maior mercado consumidor do planeta, a China. Lá, o principal surto é o da Peste Suína Africana, letal e sem vacina, o que pode gerar uma demanda insatisfeita da ordem de 3,5 milhões de toneladas, ou US\$ 8 bilhões em 2020. Esta elevada demanda chinesa deve impulsionar as vendas no mercado global em +12,27%, Estados Unidos (+18,28%) e do Brasil (+16,14%), que no primeiro semestre de 2020 exportou 473 mil toneladas no valor de US\$ 1,07 bilhão, cerca de 25% a mais que todo o ano de 2019. A trajetória crescente de animais abatidos iniciada no final de 2018 foi discretamente interrompida

(-0,24%) no primeiro trimestre de 2020, porém com a venda de animais mais pesados, a produção nacional de carne suína cresceu +0,56%. O Nordeste também evoluiu muito bem no primeiro semestre de 2020, foram cerca de US\$ 362 mil ou R\$ 2 milhões (1 US\$ = 5,65 R\$), sobre 84 mil toneladas embarcadas. A chegada do final do ano 4T2019 foi de crescimento da demanda por carne suína no Nordeste, tendência observada no 1T2020 (7,6 mil toneladas), comparada ao 1T2019 (6,8 mil toneladas). Os altos preços da carne bovina e as festas de final de ano pressionaram a preferência dos consumidores pela carne suína, mas na evolução dos dados ao longo da série analisada, o fator condição financeira preponderou. A carne suína foi prioridade juntamente com outras proteínas mais baratas, atrás de fígado bovino, do ovo de galinha e da paleta bovina (segunda).

Palavras-chave: pandemia, covi-19, commodities, abate, nordeste.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 MERCADO EXTERNO

1.1 Conjuntura

As previsões globais de exportação para o comércio de carne suína continuam em alta para 2020 (+12,27%). Destaca-se que a influência devida à pandemia por Covid-19 não é maior que o impacto da peste suína africana (ASF - African swine fever) que dizimou rebanhos de suínos na China, gerando demanda insatisfeita da ordem de 3,5 milhões de toneladas avaliada em cerca de US\$ 7,98 bilhões. O surto de ASF teve início em 2007 e dez anos depois, tem dizimado rebanhos na Ásia e ainda não há vacina¹. Para se ter ideia da magnitude do estrago provocada pela ASF na China, comparando-se 2017 com a previsão para 2020 sugere-se o **Quadro 1**. Os impactos da ASF sobre a suinocultura são gigantescos e bastante representativos no mercado global, especialmente porque a China é o maior produtor de carne suína e consumidor de proteína animal do planeta. Notadamente, os produtores chineses estão recompondo seus plantéis, inclusive, com a importação de matrizes e reprodutores da França². A recomposição do plantel e da produção doméstica são importantes para o abastecimento de 1,4 bilhão de chineses, mas também para dirimir a dependência de importações e controlar os preços da carne (**Figura 1**). Assim, para 2020, ratifica-se que a elevada demanda chinesa (3,85 milhões de toneladas) deve impulsionar as vendas no mercado global em +12,27%, com destaque para as previsões de alta para os Estados Unidos (+18,28%) e do Brasil (+16,14%) nas vendas externas, apesar da perspectiva de redução do consumo mundial da ordem de 7,48 milhões de toneladas (**Tabelas 1 a 6; ANEXO A**).

Ainda sobre o Brasil e os Estados Unidos, importantes fornecedores mundiais de proteína animal, estes lideram os casos confirmados e de mortes por Covid-19 no mundo, que devem dar menos “fôlego” para a retomada mais rápida e estável da atividade econômica. Assim, as próximas estimativas de produção e de excedente comercializável podem ser reduzidas pelas medidas rígidas ainda em vigor, até mesmo serem impactadas pelas medidas de prevenção da contaminação dos funcionários por Covid-19, além dos já contaminados, na indústria de abate de processamento de carnes. Algumas unidades nestes países foram fechadas, inclusive, no caso do Brasil, foi usada como barreiras sanitárias às exportações. Estas medidas podem pressionar a escala, visto que o ambiente industrial é de mão-de-obra intensiva. No geral, a pandemia impôs o desaquecimento da atividade econômica, aumentou a taxa de desemprego e choque de renda, fatores que reprimiram o consumo de carnes e fez o consumidor buscar fontes mais baratas de proteína. Ademais, as medidas de isolamento social ainda reduzem a demanda dos elos da cadeia de suprimentos a montante e a jusante, a indústria química, redes de atacado e de varejo, atacarejo, boutiques de carnes, restaurantes, bares, fast foods, food service, eventos, hotéis, transporte etc. Não menos importante, as questões geopolíticas entre China e Estados Unidos podem ser uma janela a mais de oportunidade para as exportações brasileiras. O divisor de águas para alavancar as economias parece ser mesmo a imunização em massa da população, imprescindível para os países emergentes nos quais a maior parte da população se concentra em baixas faixas de renda, revelada por uma incômoda desigualdade de renda e da carência de outros direitos sociais, como o acesso a bons serviços de saúde e de saneamento básico.

Quadro 1 – Impactos da peste suína africana sobre a suinocultura chinesa em relação com dados da suinocultura brasileira

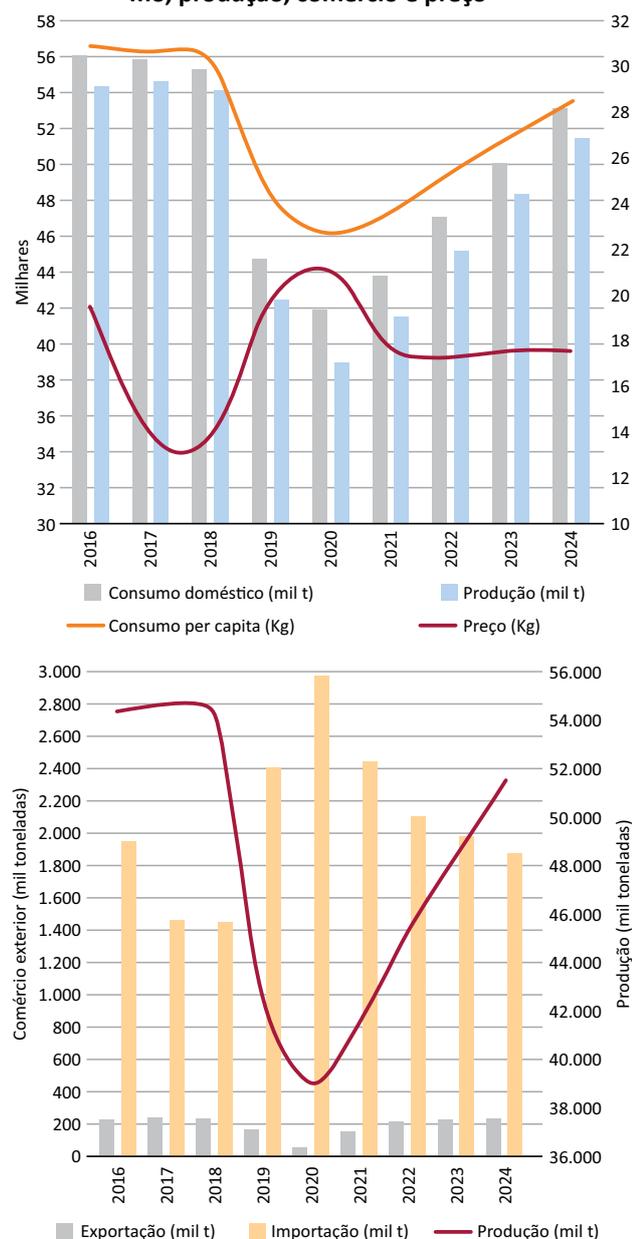
Variável	China (2017 – 2020)			Brasil (2017-2020)	
	Impacto	%	Absoluto (A)	Total 2020 (B)	A/B
Rebanho total (cabeças)	De 1,15 bilhão para 807,44 milhões	-29,61	339,67 milhões	81,79 milhões	4,2
Produção de suínos (cabeças)	De 705 milhões para 497 milhões	-29,50	208 milhões	43,94 milhões	4,7
Produção de carne (toneladas)	De 54,52 milhões para 36 milhões	-33,97	18,52 milhões	4 milhões	4,6
Consumo de carne (toneladas)	De 51,81 milhões para 37,75 milhões	-32,36	18,06 milhões	3,13 milhões	12,1

Fonte: A partir de dados de PSD online (USDA, 2020). Elaborado pelo autor.

1 OIE – WORLD ORGANISATION FOR ANIMAL HEALTH. African Swine Fever. Disponível em: <https://www.oie.int/en/animal-health-in-the-world/animal-diseases/african-swine-fever/>. A peste suína africana (ASF) é uma doença viral grave que afeta porcos domésticos e selvagens. É responsável por graves perdas de produção e econômicas. Esta doença animal transfronteiriça (DAT - transboundary animal disease) pode ser transmitida por porcos vivos ou mortos, domésticos ou selvagens e produtos suínos. Além disso, a transmissão também pode ocorrer através de alimentos e objetos contaminados, como: sapatos, roupas, veículos, facas, equipamentos etc., devido à alta resistência ambiental do vírus ASF. Não existe vacina aprovada contra ASF (ao contrário da peste suína clássica ‘Hog Cholera’ que é causada por um vírus diferente). Historicamente, foram relatados surtos na África e em partes da Europa, América do Sul e Caribe. Mais recentemente (desde 2007), a doença foi relatada em vários países da África, Ásia e Europa, em porcos domésticos e selvagens. Acesso em 22 de julho de 2020.

2 REUTERS. Pigs fly in as China replenishes world’s biggest hog herd. (April 2, 2020) Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-swinefever-pigs-imports/pigs-fly-in-as-china-replenishes-worlds-biggest-hog-herd-idUSKBN21K14T>. Acesso em 22 de julho de 2020.

Figura 1 – Desempenho da suinocultura chinesa: consumo, produção, comércio e preço



Fonte: OCDE Agriculture Statistics (OCDE, 2020)³.

2 MERCADO DOMÉSTICO

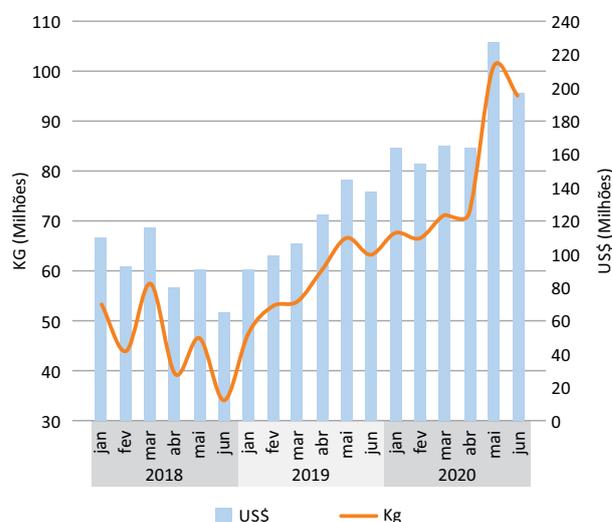
2.1 Comércio exterior

O desempenho das exportações brasileiras de carne suína neste semestre, em meio à pandemia, foi o melhor em comparação com os mesmos períodos de 2018 e de 2019, especialmente no valor das exportações. Destaca-se que maio de 2020 atingiu o pico das exportações de carne suína desde o início da série em 1997, de acordo com dados do ComexStat, mais de US\$ 226 milhões sobre 100 mil toneladas embarcadas. Muito embora, junho tenha recuado levemente em relação a maio (-12,96% so-

3 OECD-FAO Agricultural Outlook (Edition 2020). Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/agriculture-and-food/data/oecd-agriculture-statistics_agr-data-en. Acesso em 22 de julho de 2020.

bre o valor e -5,57% sobre o volume), ainda assim, foi o segundo melhor mês da série histórica (o terceiro pico foi em outubro de 2014, US\$ 198 milhões). No primeiro semestre de 2020, o salto das exportações foi extraordinário em comparação com os mesmos semestres de anos anteriores, 52,43% em relação a 2019 e 92,89% em para 2018, nesta vibe, a valorização do dólar também contribuiu significativamente na remuneração dos negócios (Gráfico 1). Segundo os colaboradores do Cepea (2020)⁴, na primeira quinzena do mês, alguns processadores de carne compraram mais animais prontos para abate, com o objetivo de atender à forte demanda do mercado internacional. Nos oito primeiros dias úteis de julho, o ritmo de exportação da carne suína brasileira foi acelerado.

Gráfico 1 – Desempenho das exportações brasileiras de carne suína nos primeiros semestres de 2018, 2019 e de 2020

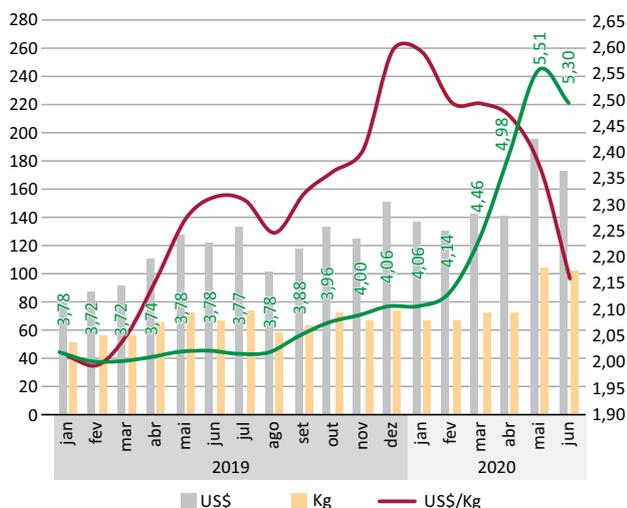


Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

Nos três últimos meses, o preço médio caiu e, ainda segundo os colaboradores da Cepea (2020), devido à pressão de compradores internacionais sobre cotações, principalmente da China. Para os analistas, o dólar valorizado compensou as quedas nos preços pagos pela carne suína brasileira (Gráfico 2). Complementaram que a alta demanda por suínos vivos no mercado independente reduziu a oferta de animais dentro do peso ideal para abate. Assim, agentes do setor relataram manter animais em fazendas para ganhar peso, o que pode ter impulsionado a tendência de alta dos preços na primeira metade do mês. Para a carcaça de carne suína, os preços seguiram a mesma tendência observada no mercado de suínos vivos, principalmente para a carcaça especial, que é a carcaça padrão para exportação. No mercado de cortes de carne suína, os preços tiveram comportamentos opostos. A demanda doméstica foi menor em comparação à do exterior, o que limitou os aumentos de preços em todos os cortes de carne suína.

4 CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. Análise quinzenal. Exports hit a record in the 1st semester; fed cattle prices surpass 220 BRL/@ in BR. Piracicaba: USP/Esalq. Disponível em: <https://cepea.esalq.usp.br/en/brazilian-agribusiness-news/exports-hit-a-record-in-the-1st-semester-fed-cattle-prices-surpass-220-brl-in-br.aspx>. Acesso em 24 de julho de 2020.

Gráfico 2 – Desempenho das exportações de carne suína brasileira (volume, valor e preço e taxa de câmbio R\$/US\$)



Fonte: AgroStat (MAPA, 2020) e Bacen (2020)5. Elaborado pelo autor.

Naturalmente que o movimento de consumo da maior parte dos consumidores, precitados com até 5 salários mínimos, nos mostra o retrato da situação econômica desta classe de renda, abalada pela perda de renda, seja por desemprego ou redução de salários, tem como alternativa proteínas mais baratas. Assim, pressionados pelo aumento da demanda, alimentos como ovo de galinha e fígado bovino, foram também ficando mais caros para o consumidor. Antes e com o estabelecimento e agravamento da pandemia, o comportamento de preços entre os diferentes tipos de proteína migrou do discreto para uma mudança significativa. Destaca-se que a carne suína também teve elasticidade considerável, ou seja, estava presente na mesa do consumidor e posteriormente foi substituída. Com relação ao frango em pedaços, ou mais adequado “pedaços de frango”, a população optara por este produto, mas devido às dificuldades financeiras agravadas com a evolução da pandemia, em maio houve a migração e, consequentemente, pressão sobre ovos e fígado bovino (Gráfico 3).

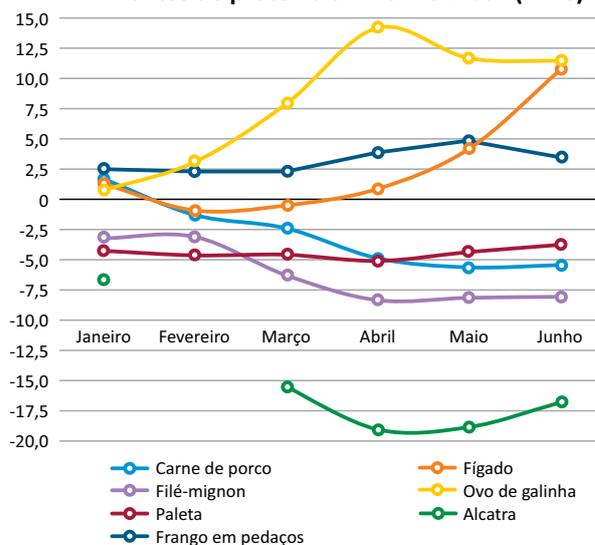
Tabela 7 – Desempenho do abate de suínos do Brasil e Regiões

Trimestre	Cabeças						Toneladas					
	CO	NE	N	SE	S	Brasil	CO	NE	N	SE	S	Brasil
2018.1	1.558	92	12	1.944	7.117	10.723	143.518	6.724	1.141	163.930	639.657	954.970
2018.2	1.583	99	12	2.053	7.085	10.832	146.235	7.158	1.118	174.174	646.391	975.077
2018.3	1.684	98	10	2.135	7.657	11.584	153.890	7.198	929	181.340	696.173	1.039.531
2018.4	1.580	113	15	2.150	7.328	11.187	141.954	8.177	1.424	178.559	650.469	980.582
2019.1	1.617	96	3	2.105	7.464	11.284	144.612	6.839	211	175.169	662.161	988.992
2019.2	1.652	101	4	2.188	7.436	11.382	148.808	7.484	276	184.987	674.471	1.016.027
2019.3	1.759	111	16	2.230	7.629	11.746	160.102	8.427	1.018	190.899	696.847	1.057.293
2019.4	1.758	124	17	2.379	7.630	11.908	158.989	9.223	1.087	201.975	688.767	1.060.041
2020.1	1.773	100	15	2.212	7.779	11.879	162.348	7.621	912	186.602	708.489	1.065.973
%	0,83	-18,91	-15,26	-7,00	1,96	-0,24	2,11	-17,36	-16,08	-7,61	2,86	0,56
2018	6.405	402	50	8.282	29.187	44.326	585.598	29.258	4.612	698.003	2.632.690	3.950.161
2019	6.786	432	41	8.901	30.159	46.320	612.511	31.972	2.592	753.030	2.722.247	4.122.352
%	5,95	7,47	-17,59	7,48	3,33	4,50	4,60	9,28	-43,80	7,88	3,40	4,36

Fonte: Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2020). Elaborado pelo autor.

5 BACEN – BANCO CENTRAL DO BRASIL (2020). Séries de estatísticas consolidadas: Taxa de Câmbio - R\$/US\$ - Média – Mensal. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

Gráfico 3 – Variação acumulada nos preços de diferentes fontes de proteína animal no Brasil (INPC)



Fonte: SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (IBGE, 2020). Elaborado pelo autor.

Nota: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários mínimos, mais sensíveis à inflação.

2.2 Abate

A trajetória crescente de abate de suínos iniciada no final de 2018 foi discretamente interrompida (-0,24%) no primeiro trimestre de 2020, porém em função do bom desempenho das regiões Sul (+1,96%) e Centro-Oeste (+0,83%) que, com a venda de animais mais pesados, elevaram a produção nacional de carne suína (+0,56%), e naquelas regiões as altas foram de 2,86% e 2,11%, respectivamente (Tabela 7). Com a abertura gradual do setor de comércio e serviços e as notícias de entrada de circulação de vacinas contra o covid-19, a tendência é de aquecimento da demanda por carne suína. No entanto, a recuperação da atividade econômica e do poder de compra da população são fundamentais para movimentar o maior mercado de carne suína no Brasil, que é da faixa de 1 a 5 salários mínimos.

A maior tradição da suinocultura industrial da região Sul está ancorada em vários fatores de desenvolvimento, mas a proximidade da produção de grãos conferiu maior competitividade, muito embora seja predominantemente familiar. Os estados maiores produtores, todos da região Sul (**Tabela 7**), especialmente o Rio Grande do Sul, os suínos estão presentes em 87,34% dos estabelecimentos de agricultura familiar, sendo o maior nível de participação dentre os demais estados do País. Ademais, no RS, 70% dos animais estão em propriedades familiar, mais de 4,4 milhões de cabeças no estado (**Tabelas 8 e 9**).

Tabela 8 – Desempenho estadual do abate de suínos do Brasil nos primeiros trimestres de 2018, 2019 e de 2020 (Kg)

Estado	2018	2019	2020
Santa Catarina	249.132.659	266.097.225	304.375.381
Paraná	206.888.414	207.026.472	218.200.423
Rio Grande do Sul	183.636.039	189.037.468	185.912.932
Minas Gerais	113.640.138	118.559.494	125.588.344
Mato Grosso	52.417.945	58.076.186	66.535.979

Estado	2018	2019	2020
São Paulo	41.798.502	47.555.290	51.410.275
Mato Grosso do Sul	44.417.317	42.846.067	48.307.557
Goiás	41.414.824	41.502.347	45.555.239
Espírito Santo	6.030.467	6.680.118	6.281.810
Rio de Janeiro	2.460.400	2.374.295	3.321.973
Ceará	2.211.499	2.449.693	3.082.542
Bahia	2.559.591	2.514.817	2.601.773
Distrito Federal	5.268.310	2.187.686	1.949.092
Pernambuco	851.850	914.449	1.027.308
Acre	1.006.698	0	715.552
Rio Grande do Norte	221.697	245.316	245.857
Piauí	307.419	334.861	228.251
Maranhão	229.889	262.241	220.325
Alagoas	172.409	117.181	215.386
Amazonas	0	95.571	81.215
Rondônia	134.650	67.766	70.331
Pará	0	47.275	44.986
Sergipe	169.749	0	0
Brasil	954.970.466	988.991.818	1.065.972.531

Fonte: Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2020). Elaborado pelo autor.

Tabela 9 – Perfil da produção de suínos por tipologia familiar e não familiar

Regiões/Estados	Estabelecimentos					Cabeças				
	Total	Agricultura familiar (não)	%	Agricultura familiar (sim)	%	Total	Agricultura familiar (não)	%	Agricultura familiar (sim)	%
Brasil	1.445.901	280.505	19,40	1.165.396	80,60	39.346.192	19.108.267	48,56	20.237.925	51,44
Norte	158.164	29.811	18,85	128.353	81,15	1.758.908	480.883	27,34	1.278.025	72,66
Rondônia	34.717	5.358	15,43	29.359	84,57	284.890	59.612	20,92	225.278	79,08
Acre	10.332	1.573	15,22	8.759	84,78	139.440	33.125	23,76	106.315	76,24
Amazonas	10.695	1.651	15,44	9.044	84,56	151.827	38.519	25,37	113.308	74,63
Roraima	4.568	1.302	28,50	3.266	71,50	77.991	28.184	36,14	49.807	63,86
Pará	67.287	11.394	16,93	55.893	83,07	788.692	210.174	26,65	578.518	73,35
Amapá	1.670	393	23,53	1.277	76,47	29.895	9.787	32,74	20.108	67,26
Tocantins	28.895	8.140	28,17	20.755	71,83	286.173	101.482	35,46	184.691	64,54
Nordeste	537.441	96.361	17,93	441.080	82,07	4.004.615	980.375	24,48	3.024.240	75,52
Maranhão	69.293	9.665	13,95	59.628	86,05	622.592	130.290	20,93	492.302	79,07
Piauí	107.410	18.977	17,67	88.433	82,33	1.053.270	199.884	18,98	853.386	81,02
Ceará	113.878	23.104	20,29	90.774	79,71	768.003	214.289	27,90	553.714	72,10
Rio Grande do Norte	15.735	2.702	17,17	13.033	82,83	103.473	26.715	25,82	76.758	74,18
Paraíba	28.601	6.017	21,04	22.584	78,96	153.333	39.397	25,69	113.936	74,31
Pernambuco	43.330	7.170	16,55	36.160	83,45	260.934	65.292	25,02	195.642	74,98
Alagoas	9.649	1.361	14,11	8.288	85,89	59.560	21.868	36,72	37.692	63,28
Sergipe	7.065	1.186	16,79	5.879	83,21	72.808	19.574	26,88	53.234	73,12
Bahia	142.480	26.179	18,37	116.301	81,63	910.642	263.066	28,89	647.576	71,11
Sudeste	232.854	53.606	23,02	179.248	76,98	6.343.331	4.876.480	76,88	1.466.851	23,12
Minas Gerais	176.957	39.738	22,46	137.219	77,54	4.835.859	3.763.273	77,82	1.072.586	22,18
Espírito Santo	22.303	4.428	19,85	17.875	80,15	235.419	156.416	66,44	79.003	33,56
Rio de Janeiro	7.073	2.307	32,62	4.766	67,38	66.598	30.875	46,36	35.723	53,64
São Paulo	26.521	7.133	26,90	19.388	73,10	1.205.455	925.916	76,81	279.539	23,19
Sul	374.713	56.683	15,13	318.030	84,87	21.101.886	8.131.786	38,54	12.970.100	61,46
Paraná	114.416	21.622	18,90	92.794	81,10	6.215.075	2.987.509	48,07	3.227.566	51,93
Santa Catarina	79.738	12.201	15,30	67.537	84,70	8.438.865	3.150.583	37,33	5.288.282	62,67
Rio Grande do Sul	180.559	22.860	12,66	157.699	87,34	6.447.946	1.993.694	30,92	4.454.252	69,08
Centro-Oeste	142.729	44.044	30,86	98.685	69,14	6.137.452	4.638.743	75,58	1.498.709	24,42
Mato Grosso do Sul	25.615	8.243	32,18	17.372	67,82	1.401.034	888.683	63,43	512.351	36,57
Mato Grosso	45.806	12.342	26,94	33.464	73,06	2.348.020	1.996.023	85,01	351.997	14,99
Goiás	70.034	22.843	32,62	47.191	67,38	2.234.141	1.607.939	71,97	626.202	28,03
Distrito Federal	1.274	616	48,35	658	51,65	154.257	146.098	94,71	8.159	5,29

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário (2020). Adaptado pelo autor.

Evidentemente, que a organização dos produtores integrados no âmbito local (cooperativas, agroindústrias, pequenas e médias empresa etc.) e também associados à grandes players que operam no mercado global, que se caracterizaram na verticalização, fusões e aquisições. Uma característica interessante foi o estabelecimento da produção especializada de categorias nos principais estados, como aqueles que produzem leitões e outros que engordam e terminam. No mercado local, produtores individuais atendem os municípios com o produto *in natura*, de maior aceitação pela população em comparação com os produtos congelados.

Este mosaico descrito na **tabela 9**, mostra alguns “Brasis” na produção de suínos, aquele em que evolui em indicadores semelhantes aos sistemas de produção de países desenvolvidos (**Tabelas 10 e 11**) e outro que tem muito a crescer na produção, gerar emprego, renda e segurança alimentar.

Diante das peculiaridades, considerando extremos como o Rio Grande do Sul e Alagoas, por exemplo, enten-

de-se que o desenvolvimento da atividade deve ocorrer como outrora, no âmbito local, até porque há elevada demanda insatisfeita pelo produto *in natura*, mesmo considerando o deslocamento geográfico da produção de grãos nos cerrados nordestinos em relação aos grandes centros consumidores das capitais, no litoral. Não obstante, o desenvolvimento da suinocultura demanda investimentos no marketing na qualidade da carne suína, bem como de sua versatilidade de preço, de cortes, e da ampla gama de produtos cárneos típicos da culinária brasileira. Assim, há muito espaço para aumento do consumo de carne suína no Brasil, que é ainda muito baixo comparado a países europeus e asiáticos (**Tabela 10**). Ademais, além da demanda, há oferta de mão de obra; área, insumos e equipamentos de fácil acesso no mercado local; recursos constitucionais disponíveis para investimento com encargos subsidiados.

Contudo, é necessário um projeto nacional em parceria com os governos locais e demais atores institucionais para fomentar a organização dos produtores e a gestão da produção, voltada para a oferta regular e segura ao consumidor institucional e da rede formal de varejo.

Tabela 10 - Desempenho da suinocultura no Brasil (1.000 Toneladas)

Suinocultura	2015	2016	2017	2018	2019(1)	2020(1)
Rebanho (1.000 cabeças)	39.795,2	40.053,2	41.383,0	41.443,6	42.200,2	43.067,7
Produção de carne (1.000 t equiv. carcaça)	3.676,0	3.731,4	3.840,5	3.973,7	4.054,1	4.198,3
Importação (1.000 t equiv. carcaça)	10,3	13,8	15,2	16,8	19,2	13,1
Exportação (1.000 t equiv. Carcaça)	499,2	735,9	699,8	650,7	763,0	850,7
Disponibilidade interna (1.000 t equiv. carcaça)	3.187,1	3.009,3	3.155,9	3.339,8	3.310,3	3.360,7
População (milhões de habitantes)	203,48	205,16	206,80	208,49	210,15	211,76
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	15,7	14,7	15,3	16,0	15,8	15,9

Fonte: Elaborado peça Conab (2020). Rebanho. Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal; Exportação e Importação. Fonte: SECEX; População. Fonte: IBGE; Produção de carne: ABIPECS/ABPA/7FLUIR. As exportações e as importações das carnes bovina e suína resultam dos dados da SECEX (em quilo líquido), convertidos para equivalente-carcaça⁵.

Nota: 1) Estimativa da Conab.

Tabela 11 – Indicadores da suinocultura no Brasil e em outros países

Indicadores (milhões de cabeças)	2016	2017	2018	2019	2020
China					
Rebanho total (C+P-E+F)	1.131	1.147	1.129	868	760
Estoque final (B)	442	442	428	310	337
Estoque inicial (C)	458	442	442	428	310
Produção (P=A - C - F)	672	575	588	400	200
Abate total (D)	685	702	694	544	415
Exportação (E)	1,6	1,6	1,6	1,0	0,6
Importação (F)	0,2	130,0	100,0	40,0	250,0
Abate (%)	154,9	159,0	162,1	175,3	123,1
Peso médio da carcaça (kg)	79,2	77,7	77,9	78,2	81,9

Indicadores (milhões de cabeças)	2016	2017	2018	2019	2020
Estados Unidos					
Rebanho total (C+P-E+F)	201	206	211	220	225
Estoque final (B)	71	73	75	79	79
Estoque inicial (C)	69	71	73	75	79
Produção (P=A - C - F)	126	129	133	140	142
Abate total (D)	118	121	124	130	136
Exportação (E)	0	0	0	0	0
Importação (F)	6	6	5	5	5
Abate (%)	165,7	165,9	165,8	165,2	171,3
Peso médio da carcaça (kg)	95,8	95,7	96,0	96,5	97,2
Brasil					
Rebanho total (C+P-E+F)	79	79	80	81	82
Estoque final (B)	39	39	38	38	38
Estoque inicial (C)	39	39	39	38	38
Produção (P=A - C - F)	40	40	41	42	44
Abate total (D)	39	39	40	42	43
Exportação (E)	0	0	0	0	0
Importação (F)	0	0	0	0	0
Abate (%)	98,6	101,6	104,5	109,9	113,6
Peso médio da carcaça (kg)	95,7	94,4	93,7	95,6	96,0

Fonte: USDA (2020). Elaborado pelo autor. Nota: 2020 (Estimativa abril).

6 CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Oferta e Demanda de Carnes - Abril 2020. Disponível: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuário-e-extrativista/analises-do-mercado/oferta-e-demanda-de-carnes>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

3 NORDESTE

3.1 Comércio exterior

Conforme narrativa anterior, a região Nordeste evoluiu muito bem no primeiro semestre de 2020 (**ANEXO B**), mesmo sendo a menor no ranking foi grande no desempenho, altas superiores a 60% no valor e no volume exportados, garantiram crescimentos relativos superiores aos observados nas regiões Sudeste e Sul. Também, todos os estados nordestinos tiveram excelente performance no comércio exterior em 2020, gerando cerca de US\$ 362 mil ou R\$ 2 milhões (1 US\$ = 5,65 R\$), sobre 84 mil toneladas embarcadas (**Tabelas 12 e 13; gráfico 4**). Contudo, é um excedente muito baixo para o comércio exterior, de alta demanda insatisfeita. Para se ter ideia, do rebanho médio anual nordestino de 4 milhões de cabeças, a 80 kg cada (320 milhões de Kg), 50% de machos (160 milhões de kg) e **excedente de exportação de apenas 1%** (o índice nacional é 20%), a produção seria de 1,6 mil toneladas exportável, com possibilidade de receita aproximada de US\$ 6,9 milhões (R\$ 39 milhões), considerando o preço médio de 2020 (US\$ 4,3/Kg). E é possível, há na Região todas as condições técnicas para melhoria significativa dos índices de técnicos e econômicos de produção, seja por meio de integração ou individualmente, o Nordeste pode substituir importações, atender o mercado local e exportar. Segundo dados da SEFAZ/CE, em 2009, o Ceará importou de outros estados do Brasil cerca de 6 mil toneladas de carne suína, valor de R\$ 359.225.766,02 ou US\$ 63.568.530,00, a preços de julho/2020.

Tabela 12 – Região de origem das exportações de carne suína nos primeiros semestres de 2019 e de 2020

Região	2019	2020	Variação (%)
US\$	701.412.493,00	1.069.171.401,00	52,43
Sul	677.943.649,00	994.370.765,00	46,67
Centro-Oeste	10.481.662,00	50.021.691,00	377,23
Sudeste	11.941.178,00	23.611.678,00	97,73
Norte	818.272,00	805.699,00	-1,54
Nordeste	227.732,00	361.568,00	58,77
KG	345.067.021	472.525.921	36,94
Sul	331.348.722	429.051.477	29,49
Centro-Oeste	6.304.440	30.342.972	381,30
Sudeste	7.035.496	12.715.338	80,73
Norte	327.191	332.227	1,54
Nordeste	51.172	83.907	63,97

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

Tabela 13 – UF de origem das exportações de carne suína (US\$) nos primeiros semestres de 2019 e de 2020

UF	2019	2020	(%)
Santa Catarina	393.929.506,00	545.871.351,00	38,57
Rio Grande do Sul	172.013.529,00	297.560.071,00	72,99
Paraná	112.000.614,00	150.939.343,00	34,77
Mato Grosso	7.413.211,00	31.631.114,00	326,69

UF	2019	2020	(%)
Minas Gerais	9.705.027,00	20.685.194,00	113,14
Mato Grosso Do Sul	1.608.028,00	11.887.017,00	639,23
Goiás	1.460.423,00	6.503.560,00	345,32
São Paulo	1.979.151,00	2.622.204,00	32,49
Acre	732.188,00	620.147,00	-15,30
Maranhão	120.869,00	201.784,00	66,94
Espirito Santo	187.458,00	170.450,00	-9,07
Rio de Janeiro	69.542,00	133.830,00	92,44
Pará	40.764,00	97.379,00	138,88
Bahia	34.482,00	57.001,00	65,31
Alagoas	37.107,00	51.713,00	39,36
Roraima	207,00	47.207,00	22.705,31
Ceará	25.016,00	34.242,00	36,88
Amazonas	45.113,00	34.082,00	-24,45
Pernambuco	10.258,00	16.828,00	64,05
Amapá	-	6.884,00	-
Brasil	701.412.493,00	1.069.171.401,00	52,43

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

Ratifica-se que não apenas o mercado doméstico é importante, mas o mercado global também ajuda no controle dos preços internos da carne suína, e devido à pandemia e aos problemas sanitários do rebanho suíno asiático, o Brasil ganha importância. Assim, no primeiro semestre de 2020, o Nordeste exportou para 36 países, concentrando cerca de 50% das exportações para a Ásia e união Europeia, porém os países dos blocos econômicos que representam a outra metade das vendas do Nordeste, como Oceania, Aladi, África e Oriente Médio, mais que dobraram a demanda de carne suína nordestina (**Tabelas 14 e 15**). Esta é uma sinalização bem interessante no sentido de abertura de mercado, o Nordeste como vitrine, muito embora a janela de oportunidade do momento seja a Ásia, em face dos transtornos provocados pela FSA, que provocaram um choque na produção de suínos da China.

Tabela 14 – Blocos econômicos de destino das exportações de carne suína (primeiros semestres de 2019 e 2020)

Bloco econômico	2019		2020	
	US\$	KG	US\$	KG
Ásia	63.745,00	14.778	96.429,00	21.232
União Europeia	66.809,00	14.234	92.741,00	18.586
Oceania	27.248,00	6.153	56.499,00	13.044
Aladi	31.681,00	7.655	55.414,00	16.133
África	23.304,00	5.176	43.588,00	11.036
Oriente Médio	7.312,00	1.599	17.773,00	3.514
Europa Oriental	-	-	1.241,00	194
Demais da Europa Ocidental	1.929,00	345	498,00	103
Nafta	24,00	5	-	-
Mercosul	1.126,00	406	-	-
Nordeste	227.732,00	51.172	361.568,00	83.907

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

Tabela 15 – Países de destino das exportações de carne suína (primeiros semestres de 2019 e 2020)

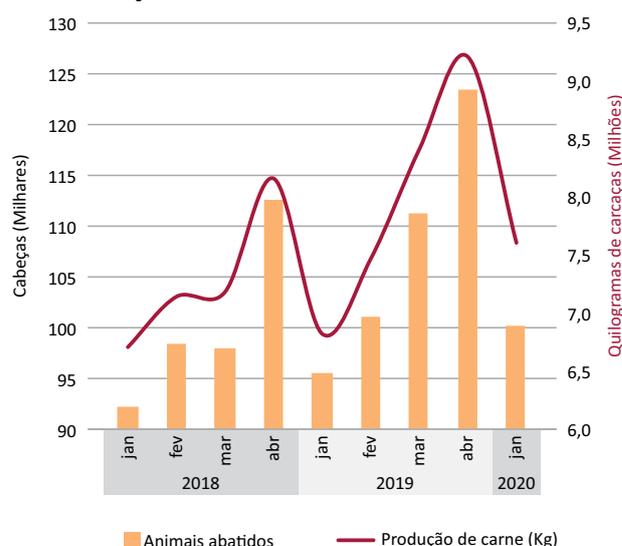
UF/País de destino	2019		2020	
	US\$	KG	US\$	KG
Maranhão	120.869,00	27.401	201.784,00	49.479
Panamá	21.676,00	5.301	46.960,00	14.017
Ilhas Marshall	21.698,00	5.155	32.921,00	8.019
Hong Kong	8.650,00	2.052	20.056,00	4.795
Cingapura	10.265,00	2.138	16.745,00	4.164
Libéria	8.679,00	1.682	16.509,00	4.480
Outros	49.901,00	11.073	68.593,00	14.004
Bahia	34.482,00	9.358	57.001,00	13.805
Libéria	5.356,00	1.310	9.513,00	2.118
Ilhas Marshall	394,00	117	8.609,00	1.986
Dinamarca	4.044,00	1.067	6.177,00	1.525
Cingapura	2.114,00	637	5.732,00	1.198
Alemanha	3.300,00	772	4.740,00	964
Outros	19.274,00	5.455	22.230,00	6.014
Alagoas	37.107,00	7.118	51.713,00	9.046
Ilhas Marshall	4.072,00	673	8.879,00	1.655
Japão	33,00	3	5.607,00	926
China	1.224,00	259	4.922,00	856
Grécia	5.336,00	1.025	4.509,00	790
Filipinas	-	-	3.568,00	577
Outros	26.442,00	5.158	24.228,00	4.242
Ceará	25.016,00	5.079	34.242,00	7.255
Ilhas Marshall	212,00	52	6.090,00	1.384
Libéria	4.261,00	949	5.359,00	1.039
Malta	5.903,00	1.043	4.688,00	1.113
Panamá	4.350,00	798	4.530,00	960
Bélgica	-	-	2.934,00	681
Outros	10.290,00	2.237	10.641,00	2.078
Pernambuco	10.258,00	2.216	16.828,00	4.322
Cabo Verde	-	-	7.406,00	2.510
Grécia	6.380,00	1.474	5.036,00	1.010
Chipre	-	-	1.514,00	180
Cingapura	1.551,00	286	737,00	123
Reino Unido	-	-	645,00	79
Outros	2.327,00	456	1.490,00	420
Total Geral	227.732,00	51.172	361.568,00	83.907

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

3.2 Abate

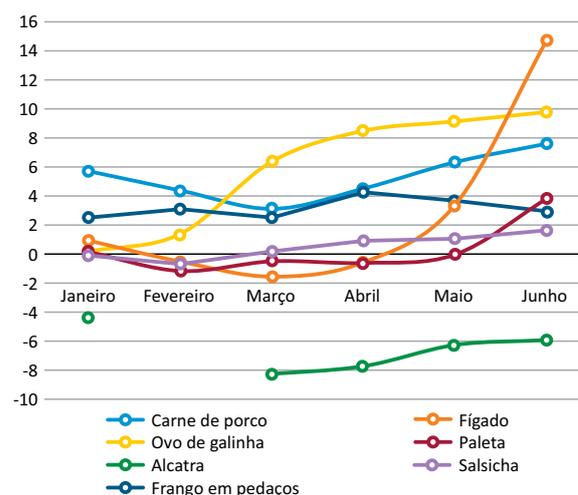
A chegada do 4T2019 foi de crescimento da demanda por carne suína no Nordeste, tendência observada no 1T2020 (7,6 mil toneladas), comparada ao 1T2019 (6,8 mil toneladas) (**Gráfico 4**). Os altos preços da carne bovina e as festas de final de ano pressionaram a preferência dos consumidores pela carne suína, mas na evolução dos dados ao longo da série analisada, o fator condição financeira preponderou. A carne suína foi prioridade juntamente com outras proteínas mais baratas, atrás de fígado bovino, do ovo de galinha e da paleta bovina (segunda) (**Gráfico 5**).

Gráfico 4 – Desempenho do abate de suínos e da produção de carne



Fonte: Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2020). Elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Variação acumulada nos preços de diferentes fontes de proteína animal nas regiões metropolitanas de Fortaleza, Salvador e Recife (INPC)



Nota: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários mínimos, mais sensíveis à inflação.

A carne suína deve se manter na preferência do consumidor independentemente da faixa de renda, porque é uma carne muito saborosa, de incrível versatilidade na culinária de todo o País, motivo pelo qual é muito procurada *in natura* resfriada, bem como da desmistificação cultural sobre problemas de saúde provocados pela carne suína. Dentro da porteira, a suinocultura é uma atividade de ciclo curto, pouco intensiva em mão de obra, dependente de insumos concentrados nas diversas categorias ou fases de vida dos animais, como suplementos vitamínicos e minerais. Alguns desafios dos pequenos produtores são:

- Logística para aquisição de grãos dos cerrados;
- Logística para compra de matrizes e reprodutores;
- Carência de assistência técnica permanente;

- d) Precária condição sanitária dos abatedouros municipais;
- e) Carência de fiscalização do trânsito e do abate de animais;
- f) Inadequado manejo dos dejetos, que além do dano ambiental, há perda de receita. Situação que impede o licenciamento ambiental dos sistemas

de produção e, conseqüentemente, limita o acesso a recursos do fundo constitucional.

Contudo, mesmo diante dos desafios, o franco mercado doméstico local dos municípios interiores do Nordeste parece ter despertado discreta migração da suinocultura de subsistência para a tecnificada, a médio prazo, este pode ser um movimento contínuo de adesão de produtores, cujos desafios precitados podem ser mitigados com a integração.

3.3 Análise SWOT

Comentários	
Pontos fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Alto domínio tecnológico dos produtores da suinocultura industrial; • Excelente padrão genético-econômico das linhagens usadas no Brasil; • Elevada versatilidade da carne suína na culinária nacional;
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • Opção mais barata à carne bovina de primeira, associada ao grande mercado doméstico; • Janela aberta no mercado global para os principais blocos econômicos; • Drástica queda da produção de suínos na China, maior consumidor mundial; • Não intensiva em mão de obra e não depreende grandes investimentos no âmbito da agricultura familiar; • Mercado institucional para os cortes e processados suínos; • Geração própria de energia por meio de biodigestores e solar; • Probabilidade de implantação de unidade de produção de leitões em regime de integração a partir da agricultura familiar;
Pontos fracos	<ul style="list-style-type: none"> • Carência de assistência técnica para produtores individuais; • Manejo inadequado dos dejetos restringe o licenciamento ambiental e limita o acesso ao crédito bancário; • Precárias estruturas de abate e de processamento da carne e dos dejetos em diversos abatedouros públicos; • Baixo nível organizacional em associações e cooperativas, incluindo da cultura da integração e a carência de agroindústrias integradoras no Nordeste; • Carência uma política de marketing de promoção da carne suína da rede de varejo;
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> • Embargos sanitários; • Embargos não sanitários; • Susto de epizootias, como a peste suína clássica; • Recorrência da pandemia pode resultar em novo processo ou prolongamento do isolamento social com o fechamento de restaurantes, bares etc.

ANEXO A – INDICADORES GLOBAIS E BRASIL

COMÉRCIO EXTERIOR

Tabela 1 – Produção de carne suína (milhões de toneladas métricas)

Unidade geográfica	2016	2017	2018	2019	2020
China	54,26	54,52	54,04	42,55	34,00
European Union	23,87	23,66	24,08	23,94	24,15
United States	11,32	11,61	11,94	12,54	13,18
Brazil	3,70	3,73	3,76	3,98	4,13
Russia	2,82	2,96	3,16	3,32	3,44
Vietnam	2,70	2,74	2,81	2,38	2,25
Canada	1,91	1,96	1,96	2,02	2,05
Mexico	1,21	1,27	1,32	1,41	1,46
Philippines	1,54	1,56	1,60	1,59	1,45
Korea, South	1,27	1,28	1,33	1,36	1,35
Japan	1,28	1,27	1,28	1,28	1,28
Selecionados	105,87	106,55	107,28	96,36	88,73
Outros	5,47	5,50	5,65	5,61	5,60
Mundo	111,35	112,05	112,93	101,97	94,33

Fonte: USDA (2020). Elaborado pelo autor. Nota: 2020 (Estimativa abril).

Tabela 2 – Consumo de carne suína (milhões de toneladas métricas)

Unidade geográfica	2016	2017	2018	2019	2020 ¹
China	56,09	55,81	55,30	44,87	37,75
European Union	20,84	20,91	21,26	20,40	20,27
United States	9,48	9,54	9,75	10,06	10,09
Russia	3,14	3,30	3,20	3,36	3,43
Brazil	2,88	2,95	3,04	3,12	3,13
Japan	2,63	2,73	2,77	2,71	2,76
Vietnam	2,66	2,72	2,81	2,42	2,32
Mexico	1,91	1,98	2,12	2,15	2,15
Korea, South	1,89	1,93	2,00	2,01	1,97
Philippines	1,73	1,80	1,88	1,81	1,73
Canada	0,87	0,87	0,91	0,97	0,94
Selecionados	104,12	104,54	105,04	93,88	86,54
Outros	6,70	6,88	7,12	7,03	6,89
Mundo	110,82	111,42	112,17	100,90	93,43

Fonte: USDA (2020). Elaborado pelo autor. Nota: 2020 (Estimativa abril).

Tabela 3 – Exportações de carne suína (milhões de toneladas métricas)

Unidade geográfica	2016	2017	2018	2019	2020 ¹
European Union	3,03	2,76	2,84	3,55	3,90
United States	2,38	2,56	2,67	2,87	3,39
Canada	1,27	1,29	1,28	1,28	1,38
Brazil	0,82	0,78	0,72	0,86	1,00
Mexico	0,14	0,17	0,18	0,23	0,27
Chile	0,16	0,16	0,19	0,22	0,26
China	0,19	0,21	0,20	0,14	0,10
Russia	0,02	0,03	0,04	0,07	0,08
Australia	0,03	0,04	0,04	0,03	0,04
South Africa	0,01	0,02	0,02	0,02	0,02
Serbia	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
Selecionados	8,07	8,02	8,18	9,28	10,43
Outros	0,09	0,08	0,07	0,05	0,05
Mundo	8,15	8,10	8,25	9,33	10,48

Fonte: USDA (2020). Elaborado pelo autor. Nota: 2020 (Estimativa abril).

Tabela 4 – Importações de carne suína (milhões de toneladas métricas)

Unidade geográfica	2016	2017	2018	2019	2020 ¹
China	2,02	1,50	1,46	2,45	3,85
Japan	1,36	1,47	1,48	1,49	1,49
Mexico	0,84	0,89	0,97	0,98	0,95
Korea, South	0,62	0,65	0,75	0,69	0,63
United States	0,50	0,51	0,47	0,43	0,37
Hong Kong	0,41	0,45	0,41	0,33	0,29
Philippines	0,19	0,24	0,28	0,22	0,28
Canada	0,21	0,22	0,23	0,24	0,26
Australia	0,21	0,22	0,22	0,27	0,24
Chile	0,07	0,09	0,10	0,13	0,16
Colombia	0,07	0,10	0,13	0,14	0,14
Selecionados	6,49	6,32	6,50	7,38	8,65
Outros	1,08	1,19	1,05	1,04	0,98
Mundo	7,58	7,51	7,54	8,42	9,63

Fonte: USDA (2020). Elaborado pelo autor. Nota: 2020 (Estimativa abril).

Tabela 7 – Destino das exportações brasileiras por bloco econômico nos primeiros semestres de 2018, 2019 e 2020

Blocos econômicos	2018	2019	2020	2019-2020 (%)
	US\$ (Milhões)			
Ásia	355,67	421,06	879,83	108,96
Mercosul	91,66	85,00	71,67	-15,68
Aladi	31,23	45,47	39,04	-14,14
África	29,10	27,81	27,73	-0,27
Oriente Médio	9,14	9,08	15,93	75,39
Nafta	7,51	15,42	14,92	-3,22
Europa oriental	26,28	92,05	13,94	-84,86
Demais da América	0,94	1,16	1,69	46,04
União Europeia	0,56	0,99	0,89	-9,80
Oceania	0,21	0,34	0,57	68,91
Demais da Europa Ocidental	0,31	0,64	0,57	-11,57
Mundo	554,29	701,41	1.069,17	52,43
	Mil toneladas			
Ásia	174,31	203,80	373,52	83,28
África	25,73	27,54	29,94	8,70
Mercosul	38,47	39,67	29,08	-26,70
Aladi	14,50	21,70	17,35	-20,05
Europa oriental	13,30	38,99	7,63	-80,43
Oriente Médio	3,51	3,79	5,81	53,28
Nafta	2,87	6,24	4,81	-22,92
Demais da América	0,33	0,44	0,55	22,75
União Europeia	0,23	0,38	0,35	-9,60
Demais da Europa ocidental	0,13	0,31	0,21	-32,30
Oceania	0,09	0,12	0,20	59,51
Mundo	275,78	345,07	472,53	36,94

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

Tabela 8 – Destino das exportações brasileiras por país nos primeiros semestres de 2018, 2019 e 2020

Países	2018	2019	2020	2019-2020 (%)
	US\$ (Milhões)			
China	148,32	206,91	580,14	180,38
Hong Kong	157,66	142,63	179,01	25,51
Cingapura	38,67	42,34	68,98	62,91
Uruguai	39,63	43,90	48,13	9,64
Chile	31,23	44,37	37,90	-14,60
Japão	2,70	6,96	21,97	215,48
Argentina	49,66	38,82	21,19	-45,41
Vietnã	1,55	14,13	19,96	41,30
Emirados Árabes	8,76	8,79	15,52	76,60
Angola	15,89	15,61	13,49	-13,60
Estados unidos	4,29	9,66	12,49	29,33
Selecionados	498,36	574,12	1.018,78	77,45
Outros	55,94	127,29	50,39	-60,41
Mundo	554,29	701,41	1.069,17	52,43
	Mil toneladas			
China	71,59	92,35	230,67	149,78
Hong Kong	80,23	78,68	92,90	18,08
Cingapura	16,96	18,39	27,84	51,42
Uruguai	18,01	21,18	19,66	-7,20
Chile	14,50	21,26	16,87	-20,65
Angola	15,11	17,15	16,08	-6,28
Vietnã	0,82	7,27	10,14	39,56
Argentina	19,18	17,11	8,00	-53,22
Japão	0,79	1,93	5,85	202,28
Emirados Árabes	3,33	3,67	5,65	53,94
Georgia	6,36	9,36	5,50	-41,22
Selecionados	246,90	288,35	439,17	52,30
Outros	28,89	56,71	33,36	-41,18
Mundo	275,78	345,07	472,53	36,94

Fonte: AgroStat (MAPA, 2020). Elaborado pelo autor.

ANEXO B – BALANÇA COMERCIAL DO NORDESTE (US\$) NOS PRIMEIROS SEMESTRES DE 2019 E DE 2020

Mercadorias	2019			2019.1			2020.1		
	Exportação	Importação	Saldo/déficit	Exportação	Importação	Saldo/déficit	Exportação	Importação	Saldo/déficit
Vegetal	7.247.081.704	2.124.719.609	5.122.362.095	3.301.743.775	1.081.746.268	2.219.997.507	3.193.322.258	1.034.705.573	2.158.616.685
Complexo soja	2.743.678.079	25.590.437	2.718.087.642	1.113.551.235	6.342.988	1.107.208.247	1.233.235.245	13.665.630	1.219.569.615
Produtos florestais	1.844.557.499	148.925.941	1.695.631.558	1.135.468.910	68.978.745	1.066.490.165	821.557.356	72.374.305	749.183.051
Complexo sucroalcooleiro	392.791.334	407.414.189	-14.622.855	186.070.168	244.643.892	-58.573.724	276.259.484	113.466.996	162.792.488
Fibras e produtos têxteis	799.490.084	46.105.841	753.384.243	237.843.617	25.270.261	212.573.356	273.988.474	12.850.576	261.137.898
Frutas (inclui nozes e castanhas)	699.723.306	57.240.831	642.482.475	268.740.823	24.966.780	243.774.043	222.217.040	26.128.350	196.088.690
Cacau e seus produtos	197.520.741	156.738.385	40.782.356	108.883.202	94.546.777	14.336.425	97.019.552	100.302.089	-3.282.537
Demais produtos de origem vegetal	120.824.720	15.807.642	105.017.078	70.913.775	7.293.059	63.620.716	62.542.470	6.870.900	55.671.570
Sucos	123.900.791	7.189.404	116.711.387	71.128.266	4.491.595	66.636.671	58.494.876	2.027.023	56.467.853
Café	87.673.039	2.024.163	85.648.876	47.973.598	1.310.711	46.662.887	41.925.757	2.127.893	39.797.864
Cereais, farinhas e preparações	138.029.725	933.695.919	-795.666.194	4.949.100	452.463.449	-447.514.349	36.445.191	472.290.664	-435.845.473
Chá, mate e especiarias	24.565.921	9.421.211	15.144.710	14.320.446	4.279.123	10.041.323	22.472.360	2.876.232	19.596.128
Fumo e seus produtos	27.038.579	179.308	26.859.271	20.200.582	15.754	20.184.828	20.159.734	6.333	20.153.401
Produtos alimentícios diversos	27.001.541	16.964.832	10.036.709	11.804.219	8.690.664	3.113.555	11.527.783	9.385.883	2.141.900
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	8.698.754	98.644.311	-89.945.557	4.606.165	38.738.611	-34.132.446	7.079.042	65.550.487	-58.471.445
Produtos oleaginosos (exclui soja)	6.247.373	149.764.236	-143.516.863	2.555.371	76.995.260	-74.439.889	5.628.340	116.179.231	-110.550.891
Bebidas	4.142.506	35.292.513	-31.150.007	2.179.403	15.643.942	-13.464.539	2.232.472	12.241.190	-10.008.718
Rações para animais	959.414	13.688.951	-12.729.537	445.906	7.063.077	-6.617.171	445.710	6.332.684	-5.886.974
Plantas vivas e produtos de floricultura	238.298	31.495	206.803	108.989	11.580	97.409	91.372	29.107	62.265
Animal	422.745.054	134.085.897	288.659.157	188.776.720	71.262.881	117.513.839	154.040.056	66.735.341	87.304.715
Couros, produtos de couro e peleteria	186.799.894	11.663.784	175.136.110	107.162.308	7.258.285	99.904.023	68.659.346	3.196.319	65.463.027
Pescados	142.302.902	68.392.704	73.910.198	41.018.812	37.914.400	3.104.412	31.091.740	35.991.800	-4.900.060
Carnes	45.511.400	24.203.409	21.307.991	19.955.913	12.061.209	7.894.704	27.402.196	12.627.826	14.774.370
Demais produtos de origem animal	31.972.702	3.999.574	27.973.128	14.747.921	2.168.396	12.579.525	17.009.458	1.828.584	15.180.874
Produtos apícolas	15.575.469	-	-	5.619.065	-	-	9.625.413	-	-
Lácteos	432.049	25.826.426	-25.394.377	183.198	11.860.591	-11.677.393	250.632	13.090.812	-12.840.180
Animais vivos (exceto pescados)	150.638	-	-	89.503	-	-	1.271	-	-
Total Geral	7.669.826.758	2.258.805.506	5.411.021.252	3.490.520.495	1.153.009.149	2.337.511.346	3.347.362.314	1.101.440.914	2.245.921.400

Fonte: Dados do AgroStat (MAPA, 2020), elaborada pelo autor.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Etanol de milho - 08/2020
- Produção e mercado de açúcar - 08/2020
- Produção e mercado de Etanol - 07/2020
- Carne bovina- 06/2020
- Cajucultura - 05/2020
- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- Bebidas não Alcoólicas - 07/2020
- Vestuário - 06/2020
- Bebidas Alcoólicas 06/2020
- Indústria de Alimentos - 05/2020
- Indústria Têxtil - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Telecomunicações - 08/2020
- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento -06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Turismo - 08/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Shopping Centers - 02/2020
- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Maior
Cocoicultura	Maior
PET	Junho
Sucroenergético	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinicultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Hotelaria	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Telecomunicações	Julho
Micro e pequenas empresas	Março
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Vestuário	Maior
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro